

APARÊNCIA DO RIO

RUBEM BRAGA

É a primeira vez que este cidadão vem ao Rio de Janeiro.

O «cidadão» era um menino de 9 anos de idade que se sentia emocionado ao saltar da barca da Cantareira. Esse menino ainda recorda confusamente as árvores da Praça 15 e um almoço na Casa Heim; e grandes e altas luzes em movimento, e palácios cheios de povo na Exposição do Centenário, o tio de bigodes, satisfeito de ganhar no jogo...

Relendo agora o livro «Aparência do Rio de Janeiro», de Gastão Cruls, sinto que é difícil a gente não se comover, com a história e o inventário desta cidade.

Essa «notícia histórica e descritiva», cujo título foi tirado de um velho e torto mapa da Guanabara, está cheia de histórias alegres ou melancólicas; e foi uma proeza de Gastão Cruls, depois de mergulhar anos em um mar de livros e documentos, nos trazer uma obra amena, em que a erudição é disfarçada por esse tom quase de camaradagem em que o autor se dirige ao leitor.

Desde as tranqueiras de Estácio de Sá, na aba do Morro da Carão de Cão, até o último arranha-ceu, vemos uma cidade que avança, sobe ao Castelo, abate-o, avança pela baía, lagoas e brejos, alonga-se para o Norte e para o Sul, fura os morros, lança ponte para as ilhas, estrangulada, sempre em construção e sempre errada, sempre aflita e bela.

E o saudoso Gastão nos fala da flora e da fauna, das igrejas e dos ventos, dos fortes e dos restaurantes e dos Carnavais antigos, da prostituição e do heroísmo, das revoltas e das epidemias e dos orgulhos.

As vezes, quando a gente vai para a cidade, na zona Norte ou na zona Sul, e o trânsito se engarrafava, e os carros ficam berrando de raiva e de tédio porque há sempre um consérto na rua, a vontade que se tem é dizer ao governador que vamos embora; que ele tenha a bondade de acabar de construir a cidade, e então voltaremos para morar decentemente. Mas os governadores, ainda os grandes e audaciosos, não superam a malícia e o impulso dessa topografia irrequieta. A cidade está sempre se mexendo, derrubando muros, ficando horrível aqui onde era linda, e belíssima onde era triste.

E a gente afinal se acostuma com tudo, e ao longo dos anos aprende a amar até as suas loucuras mais irracionais.

O Rio não seria nosso Rio, sem a casa do Elixir de Inhamé, sem aquela residência «futurista» da rua Sá Ferreira, o novo mercadinho de Copacabana e as platibandas secas e lúgubres dos botequins térreos de esquina, os sobrados de azulejos, os Arcos, os bangalôs, essas ruínas negras de cimento armado podre de construções paralisadas, esses empilhamentos de cubículos chamados apartamentos ao lado de terrenos baldios, onde a molecada chuta bola, essas vilas de bairro, esses edifícios de dez andares se apoiando em coluninhas dóricas, o asilo de São Cornélio e os nobres sobradões avacalhados em cortiços, as favelas, as bicas, os palácios, tudo isso precário e desapropriável, tudo vagamente trêmulo e provisório — escangalhando, mesmo em poucas dezenas de anos, com tantas ternurinhas topográficas de nossa vida.

Este Rio de hoje, com o mau gosto lancinante dos botecos iluminados a «neon» e a pressa paulista do café-*em-pé*, e as escapadas em autos reluzentes para as praias do Sul, esse Rio heterogêneo, arbitrário, solene e cafaeste, despido e barrôco, já tão cosmopolita e tão furiosamente provinciano — nós o entendemos melhor, acompanhando Gastão Cruls, nessa viagem inteligente e comovida de 400 anos e 3.500 ruas.

DN - 9.2.68